

## QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO: PERFIL DOS ENFERMEIROS QUE ATUAM NO MUNICÍPIO DE PELOTAS-RS

**JONER, Leandro Rauber<sup>1</sup>; THOFEHRN, Maira Buss<sup>2</sup>; DAL PAI, Daiane<sup>3</sup>; PORTO, Adrize Rutz<sup>4</sup>**

<sup>1</sup> Acadêmico da Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Bolsista PIBIC/CNPq do Projeto "QVT dos Enfermeiros". E-mail: canigia.joner@hotmail.com; <sup>2</sup> Doutora em Enfermagem - UFSC, Professora Adjunta UFPel, Coordenadora do Projeto. E-mail: mairabusst@hotmail.com; <sup>3</sup> Doutoranda do PPGEnf - UFRGS. Professora Assistente da UFPel E-mail: daiadalpai@yahoo.com.br; <sup>4</sup> Mestranda do PPGEnf - UFPel. E-mail: adrizeporto@gmail.com.

### 1 INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde considera qualidade de vida (QV) uma condição que resulta da visão do ser humano frente a sua vida, cultura, sistema de valores, além da relação com suas expectativas e preocupações<sup>(1)</sup>. Nessa perspectiva, a QV está associada ao que o indivíduo espera do mundo a sua volta, seus objetivos, ao que ele faz para atingir suas propostas, assim como as oportunidades que lhe são ofertadas.

Assim, entende-se que a QV envolve saúde, alimentação, trabalho, lazer, interação social, entre outros, ou seja, é uma busca de satisfação de necessidades<sup>(2)</sup>. Caracteriza-se como um constructo que envolve diferentes faces e integra a conduta individual e as capacidades cognitivas, o bem-estar emocional e físico, presentes em diferentes espaços, e que se revelam no desempenho familiar, profissional e nos papéis sociais do ser humano.

No que tange a qualidade de vida no campo de atuação dos profissionais da área da saúde, há uma exigência dos mesmos em aprimorar suas habilidades e conhecimentos para realizar com competência suas ações e deste modo implementar seus papéis na promoção da saúde aos indivíduos, famílias e grupos. A enfermagem é um exemplo disso; pois tem como finalidade do processo de trabalho a promoção de assistência humanizada e de qualidade para as pessoas que necessitam de cuidados de saúde<sup>(3)</sup>.

Diante disso, a equipe de enfermagem, situada nesse contexto, sofre repercussões das exigências progressivas sobre o processo de produção, o que pode repercutir na Qualidade de Vida no Trabalho (QVT), pois muitas vezes o cuidado ao profissional de enfermagem, numa dimensão mais subjetiva, é deixado em segundo plano em detrimento das exigências de produção de saúde da instituição.

Frente ao exposto, o presente estudo visa identificar o perfil sociodemográfico e a percepção sobre a saúde dos profissionais enfermeiros que atuam em Pelotas, município da região sul do estado do Rio Grande do Sul. Destaca-se ainda o fato de se tratarem de profissionais da área de saúde, que lidam diretamente com seres humanos em desequilíbrio no seu processo de viver saudável, por isso se torna imprescindível que o trabalhador tenha QVT, para possivelmente ter satisfação na execução do cuidado terapêutico. Entretanto, a realidade que os enfermeiros vivenciam no seu ambiente de trabalho, é outra, com condições inadequadas de trabalho nos serviços de saúde, tanto físicas, como materiais, de pessoal, entre outras. As circunstâncias, evidentemente, apontam a necessidade de subsídios para

as mudanças com ações conscientes, responsáveis e comprometidas com a QVT dos profissionais enfermeiros.

O presente trabalho integra a pesquisa “Qualidade de Vida dos Enfermeiros de Pelotas/RS”, realizada pelo Núcleo de Estudos em Práticas de Saúde e Enfermagem (NEPEen) da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Rio Grande do Sul, apoiada por bolsa do PIBIC/CNPq.

## 2 MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo com abordagem quantitativa e delineamento transversal, realizado com enfermeiros da cidade de Pelotas-RS, no período de agosto de 2009 a abril de 2010. A amostra foi constituída por 240 profissionais, selecionados aleatoriamente a partir de listagem fornecida pelo Conselho Regional de Enfermagem (COREN) e abordados em seu local de trabalho. Os sujeitos que compõem o estudo são enfermeiros que atuam nos serviços de saúde do município (unidades básicas de saúde, instituições hospitalares, docentes de ensino técnico e/ou superior).

A amostra foi calculada admitindo-se um erro amostral máximo de 5% ( $E_0 = 0,05$ ) com um nível de confiança de 95%. Esse N (240) respondeu ao instrumento de coleta dos dados com 15 questões fechadas, as quais tiveram suas respostas codificadas e tabuladas em planilha do programa Microsoft Excel e esses dados foram, posteriormente, submetidos à análise estatística descritiva com o uso do programa SPSS, versão 18.0, sendo apresentados com frequências e proporções.

Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando sua participação no estudo. O projeto da pesquisa foi previamente aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade de Enfermagem da UFPel sob o número 20/2009.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A “Tab” 1 demonstra as características sociodemográficas dos enfermeiros participantes do estudo (N=240).

Indicadores	N	%
Locais de trabalho		
<b>Assistência</b>	<b>203</b>	<b>84,6</b>
Ensino	37	15,4
Quantidade de áreas em que atua		
<b>Apenas um local</b>	<b>183</b>	<b>76,2</b>
Dois locais ou mais	57	23,8
Sexo		
<b>Feminino</b>	<b>218</b>	<b>90,8</b>
Masculino	22	9,2
Idade		
<b>20 - 39 anos</b>	<b>167</b>	<b>69,6</b>
Mais de 39 anos	73	30,4
Estado Civil		
Casado	106	44,2
<b>Outro</b>	<b>133</b>	<b>55,4</b>

Filhos ou dependentes		
Não	109	45,4
<b>Um ou mais</b>	<b>128</b>	<b>53,4</b>
Crença Espiritual		
Não	21	8,8
<b>Sim</b>	<b>219</b>	<b>91,2</b>
Tempo de formação		
Menos de 5 anos	82	34,2
<b>Mais de 5 anos</b>	<b>157</b>	<b>65,4</b>
Pós-Graduação		
Não	72	30
<b>Sim</b>	<b>165</b>	<b>68,8</b>
Tempo de atuação		
Menos de 5 anos	81	33,8
<b>Mais de 5 anos</b>	<b>159</b>	<b>66,2</b>
Turno de trabalho		
<b>Diurno</b>	<b>140</b>	<b>58,3</b>
Noturno	96	40
Carga Horária Semanal		
<b>Até 40h</b>	<b>133</b>	<b>55,4</b>
Mais de 40h	85	35,4
Doenças		
<b>Não</b>	<b>165</b>	<b>68,8</b>
Sim	75	31,2
Situação Atual de Saúde		
<b>Muito Boa</b>	<b>151</b>	<b>62,9</b>
Razoável	89	37,1
Prática de Atividade Física ou Lazer		
<b>Sim</b>	<b>147</b>	<b>61,2</b>
Não	93	38,8

Tabela 1: Caracterização dos enfermeiros participantes do estudo e sua auto-percepção de saúde. Pelotas, Rio Grande do Sul. 2010.

Os resultados apontaram como perfil sociodemográfico dos enfermeiros de Pelotas/RS, em sua maioria, mulheres adultas jovens, não casadas, com filhos e possuem crença espiritual. Atuam na assistência no turno diurno até 40 horas semanais em apenas um local, estão formadas e atuando há mais de cinco anos e possuem pós-graduação. Observa-se que 31,2% dos participantes referem ter alguma doença como a hipertensão arterial, a diabetes, os transtornos depressivos, e doenças osteomusculares, e praticarem atividades físicas ou de lazer, auto-avalia sua saúde como muito boa, o que demonstra, por parte dos sujeitos, condições satisfatórias na qualidade de vida no trabalho destes enfermeiros.

Igualmente, os achados permitem apontar que existe a necessidade de se investir na QVT dos enfermeiros do presente município, seja pelos resultados que demonstram essa categoria atuando em mais de um turno de trabalho ou mesmo pelo convívio da doença presente em 29,5% da amostra, embora a maioria tenha considerado sua saúde como boa à excelente. Talvez o medo do desemprego ou a própria alienação provocada pela aceleração da produção capitalista e pelas exigências progressivas do mundo do trabalho sejam fatores que contribuem para que o trabalhador de enfermagem não perceba a sua saúde sendo prejudicada em

detrimento do trabalho e, assim, não invista no autocuidado ou, ainda, na luta pela melhoria da QVT da enfermagem, que frequentemente é alvo de condições inadequadas de trabalho.

Portanto, pode-se observar que a auto-avaliação de saúde dos enfermeiros como ruim foi relacionada com a qualidade de vida dos mesmos, como em outro trabalho<sup>(5)</sup> que referiu a base desta autopercepção relativo ao domínio físico (dor e desconforto, energia e fadiga, sono e repouso), psicológico (sentimentos positivos e negativos, pensar, aprender, memória e concentração, autoestima, imagem corporal e aparência) e domínio relativo ao nível de independência (mobilidade, atividades de vida cotidiana, dependência de medicação ou tratamento, capacidade de trabalho)

#### **4 CONCLUSÃO**

O presente estudo revela o perfil sociodemográfico da população de enfermeiros no referido município com, sendo dados importantes para serem refletidos na construção de instrumentos que possam proporcionar melhores condições de vida e trabalho para os enfermeiros, e com isso, conseguir obter um nível adequado de qualidade de vida no trabalho e conseqüentemente a prestação de uma assistência qualificada.

Assim, espera-se que esta pesquisa sobre o estado de saúde do enfermeiro associado à qualidade de vida no trabalho, possa vir a auxiliar posteriores estudos, na medida em que os enfermeiros estejam orientados pelo foco do seu trabalho e subsidiados cientificamente para enfrentar as precárias condições no ambiente de trabalho que acarretam o adoecimento.

O estudo revelou também a importância de investir nas relações humanas e nas condições de trabalho no hospital, a fim de prevenir danos à saúde dos profissionais, bem como danos sobre o cuidado prestado pelos mesmos. Ainda fica o desafio para as instituições formadoras a necessidade de investimentos na aplicação dos estudos que já existem sobre relações saudáveis no trabalho e formação de líderes. Deste modo, os resultados implicam na necessidade de luta por condições que possibilitem ter qualidade de vida no trabalho dos enfermeiros, e desta forma qualificar a assistência de enfermagem para o cuidado de indivíduos, famílias e grupos.

#### **5 REFERÊNCIAS**

1. Grupo WHOQOL. Versão em português dos instrumentos de avaliação de qualidade de vida. [Online] Disponível em: <http://www.ufrgs.br/psiq/whoqol.htm> Acesso em: 20 jul. 2011.
2. Dantas RAS, Sawada NO, Malerbo MB. Pesquisas sobre qualidade de vida: revisão da produção científica das universidades públicas do Estado de São Paulo. Rev. Latino-Am. Enferm. 2003; 11 (4): 532-538.
3. Oliveira AGB, Alessi NP. O trabalho de enfermagem em saúde mental: contradições e potencialidades atuais. Rev. Latino-Am. Enferm. 2003; 11(3): 333-40
4. Ronchi CC. Sentido do trabalho: saúde e qualidade de vida. Curitiba: Editora Juruá; 2010.
5. Fernandes JS, Miranzi SSC, Iwamoto HH, Tavares DMS, Santos CB. Qualidade de vida dos enfermeiros das equipes de saúde da família: a relação das variáveis sociodemográficas. Rev. Texto Contexto Enferm. 2010; 9(3): 434-42.